O CONCILIADOR.

ASSIGNATURA.

Por 1 anno 12$000
» 6 mezes 6$000
» 3 » 3$000

A assignatura será sempre PAGA ADIANTADA, sem o que ninguem terá direito ao recebimento da folha.

FOLHA POLITICA E MISCELLANICA.

REDACTOR, DR. JOSÉ ANTONIO DO VALLE CALDRE E FIÃO.

Escriptorio e typographia a rua da Alfandega n. 65.

Publica-se ás quintas-feiras e domingos.-- A assignatura considera-se permanente em quanto a redacção não receber aviso em contrario.

ANNUNCIOS.

Para os Srs. assignantes 40 rs. por linha.
Para não assignantes 80 rs.
Correspondencias, communicados e apedidos pelo que se convencionar com o proprietario da typographia.

ANNO I. Quinta-feira 21 de Outubro de 1858. N. 2.

O Conciliador.

A opposição na provincia

Um de entre nós, vendo ha tres annos [illegible] fundos de cinco ou seis quintaes aquella immor[illegible] vil demonstração das gi[illegible] si a defesa de seus ad[illegible] partido da liga a[illegible] taneo de duas o[illegible] ção invejos[illegible]

É que [illegible] fazem [illegible] conducta [illegible] ra e o ce[illegible]

Assim [illegible] mens levá-os [illegible] do honesto, s[illegible] bem que do seu d[illegible] primeiros a tomar voz e[illegible] do a sua acção e responsabilidade colectiva da acção e responsabilidade d'aquelles que aviltam-os, compromettendo-os em face do paiz cujo orgão se pretendem.

Pois bem: aquillo que um de entre nós fez ha tres annos em defesa da liga, fazemol-o nós hoje pelo circulo do Sr. Dr. Bello.

Um d'entre elles escreve para o *Diario do Rio de Janeiro* com a mesma penna que escreveu outr'ora para o *Correio Mercantil* da côrte, e para o *Brasil Commercial* mais tarde; e de tal arte o faz, que seria vergonha deixar correr como écho de um qualquer partido, como acto de uma qualquer intenção politica, esse amontoado de calumnias torpes, e de torpes e ineptas falsidades que o diario da opposição centralisadora registrou complacentemente em suas columnas.

A legislação antiga a certos crimes de publica vergonha, dava em castigo a exposição pura e simples do convicto ao pé das peças de convicção do seu delicto.

Como ella, fazemos nós com o escripto a que nos referimos, dando-o sem commentos á apreciação do bom senso e da moralidade publica.

Que meio mais efficaz para confundir o calumniador audaz, que vai ao longe desacreditar a nobre terra do sul, confiado na impossibilidade de lhe provarem lá a sua falsidade?

Nem que melhor e mais pleno desmentido das suas asserções, que dal-as assim á burla, ao escarneo, e á execração de todos no lugar mesmo onde os acontecimentos se passaram, onde são conhecidos todos seus actores?

Escripta em damno do *partidinho* que aprazem-se a chamar do Sr. barão de Porto-Alegre, é o orgão mesmo d'esse partido politico quem vai ajudar a vulgarisal-a, e a vulgarisal-a então sem refutação nem commentos.

Mas é que o *Diario do Rio* corre mãos de poucos, e que essa peça urge ao paiz, urge a todos, que todos a saibam e conheçam.

É que essa peça é a confirmação do que diziamos sob esta epigraphe, em nosso numero anterior, e prova convincente do quanto urge para bem de todos que mãos mais firmes tomem o leme da opposição, e a guiem como ha de mister seu credito e o nosso.

Isso que ahi está envergonha-a, e nos envergonha.

Isso envilece a imprensa, e a provincia, como o partido sob cuja responsabilidade fazem-o correr cabeças pouco affeitas á gravidade d'uma situação, que não comprehendem nem pesam.

Agora, aquelles que nos houverem lido, leiam tambem essa carta; confrontem-a com as suas reminiscencias, e julguem se acaso exageramos erguendo a voz em nome da provincia, para repellir de cima de qualquer partido a paternidade d'essa obra abominavel.

(A.)

Porto Alegre, 21 de setembro de 1858.

Creio que extraviou-se a minha penultima carta de 21 do passado. Não a vejo publicada, e estando convencido que V. não a *glosaria*, me atrevo a suppôr que andou mysterio no seu desapparecimento: era a refutação da *herculea* carta ou correspondencia, dividida em capitulos, que occupou dous numeros do *Jornal do Commercio*.

Ninguem me tira da cabeça que andou dedo de *conselheiro* n'essa criminosa empreza.

Fico pois fazendo votos para que brisas mais fagueiras levem esta ao seu destino.

— Este vapor nos trouxe os deputados Bello, Mendonça e Brusque. Com que radiante satisfação não veriam os dous primeiros assomar no horisonte as plagas saudosas de sua provincia natal, cujos filhos lhes abriam os braços para agradecer-lhes com enthusiasmo os patrioticos esforços que fizeram a bem de sua prosperidade e do seu futuro? E a provincia seria ingrata, se unanime e reconhecida não saudasse aos dous intrepidos lutadores que vinham repousar em seu seio das gloriosas fadigas, para bem cedo, em outro campo, recomeçarem a peleja.

— Passou-se mais um anniversario da independencia. O que fez, para dignamente solemnisal-o, a provincia de S. Pedro? Bem pouco. Os raios d'essa aurora, explendida de grandes recordações, não poderam derreter o gelo, sob o qual se foi occultar a provincia aos olhos de um governo antipathico, impopular e ousadamente imprudente.

O enthusiasmo ardente e expontaneo d'este povo, amante da liberdade, foi substituido pela indifferença ou pela desconfiança. O mais poderoso elemento, a alma, por assim dizer, dos festins populares, desappareceu. Tudo esteve triste como o espirito do povo.

A sociedade Sete de Setembro, fundada ha dous annos para commemorar o dia supremo da nacionalidade brasileira, tinha morrido de inacção e de abandono. O major Patricio, vice-presidente da provincia, presidente eleito da nova directoria, recusou o lugar. O vice-presidente, Dr. Ubatuba, nem se lembrava, occupado com o *lucrativo* aterro do Gravataby, que tal sociedade estivesse inscripta no rol dos viventes. O *Mercantil*, compadecido, deu-lhe um lugarzinho no seu necrologio, accrescentando porém que o descontentamento geral contra a actual administração tinha sido a causa da sua morte. Isto bastou.

O Sr. Ferraz, no mesmo dia, indaga quem é o presidente da sociedade. Cahio-lhe a sopa no mel. Pela escusa do presidente eleito cahia a prebenda ao Dr. Ubatuba, contractador de obras publicas, muito chegado á presidencia e inimigo desesperado do redactor do *Mercantil*.

Era, pois, preciso desmentir o *periodiqueiro* (phrase de que muito gosta o Sr. Ferraz), e fazer resuscitar a defunta, que até esqueceram de sepultar. Ingratos!

Tudo se pôz em movimento. O primeiro passo foi um annuncio pelo qual o Sr. Dr. Ubatuba ameaçava os socios de publicar por extenso os nomes d'aquelles que não quizessem pagar as suas mensalidades! Quem não conhecer este Sr. Dr. Ubatuba o que não ha de dizer do povo do Rio-Grande? ha de dizer: que vergonha! Eis ao que nos expõe o genio d'aquelle senhor, genio que já lhe tem causado profundos e eternos desgostos!

A indignação foi geral. Os socios começaram a riscar-se aos centos. O annuncio só appareceu um dia. Como Deos lhe ajudou, ergueu o imprudente vice-presidente uma *gaiola* na praça, e para fazer face ás despezas cobrava 500 rs. de cada mascara que queria estender as pernas sobre esse monumento, ninguem sabe se da independencia ou da insania!

A sociedade formou-se para dar divertimentos *gratis* ao povo, que não podia pagar bailes nem theatros; entretanto a directoria exigio a sua contribuição. Foi uma vergonha, mas que importa? o *enthusiasmo* pela administração suspendeu a sociedade moribunda á borda da sepultura para lhe enviar o ultimo sorriso, o sorriso de quem se esperava encontrar bem cedo com ella na região do *nada*.

Que não tarde essa esperança a ser uma realidade!

No dia 6 á noite houve uma recita particular por curiosos no theatro pequeno.

No dia 7, *Te-Deum* pouco concorrido, parada e espectaculo publico á noite no theatro grande. Depois dos vivas dados pelo presidente e do hymno nacional, diversos moços recitaram poesias, entre elles os dous jornalistas da opposição Candido Gomes, e Dr. Felix da Cunha.

Na noite de 8 ainda houve espectaculo em grande gala, e teve lugar um interessante episodio. Depois de concluido o hymno e quando o panno começava a descer, ouvio-se inesperadamente a voz do Sr. Sebastião Coutinho da Silva, e o mais profundo e religioso silencio reinou no auditorio. O Sr. Coutinho, o talentoso e sympathico ex-primeiro official da secretaria, demittido pelo Sr. Ferraz, por mesquinho espirito de vingança, recitava com voz cheia e pausada uma lindissima poesia, que lhe recommendo. Era um desforço que tomava, tendo o publico por juiz. Profligando os vicios da actualidade, fazia energicas allusões ao presidente. Por vezes foi interrompido com bravos, e quando acabou, estrondosos applausos partiram da platéa.

O Sr. Ferraz teve o sangue frio de ouvir tudo mordendo os beiços.

Quando o Sr. Coutinho recitava, o Sr. Ferraz inclinou-se para o seu ajudante de ordens e lhe fallou ao ouvido; d'ahi a pouco o chefe de policia deixou o seu camarote e appareceu no da presidencia.

Suppunham todos que seria preso o ousado poeta que vinha em publico affrontar as iras do regulo. O boato da prisão espalhou-se, e durante toda a noite o Sr. Coutinho esteve rodeado por seus amigos, resolutamente dispostos a resistirem por meio da força a essa inqualificavel arbitrariedade.

O Sr. Ferraz recuou; a prisão não teve lugar.

Não recuou porém a camarilha palaciana. Havia ainda terceiro espectaculo em grande gala para festejar o anniversario da independencia. Esse foi o dia marcado para a desforra. Fallaram a um empregado da thesouraria, creio que amanuense, o mesmo que recitou a apologia do Sr. Ferraz no celebre baile da *paixão*, para se encarregar do elogio poetico do presidente n'essa noite. Em consequencia alguns moços exaltados, cujo procedimento

so em contrario.

prietario da typographia.

e Outubro de 1858. N. 2.

idade fazem-o correr cabeças d'uma situação, que não com-

nos houverem lido, leiam tam-
m-a com as suas reminiscen-
exageramos erguendo a voz em
pellir de cima de qualquer par-
bra abominavel.

(N.)

---

de setembro de 1858.

se a minha penultima carta de
publicada, e estando convenci-
me atrevo a suppôr que andou
ecimento: era a refutação da
ndencia, dividida em capitulos,
s do *Jornal do Commercio*.
abeça que andou dedo de *conse-*
empreza.
os para que brisas mais fagueci-
no.
uxe os deputados Bello, Men-
ue radiante satisfação não ve-
omar no horisonte as plagas sau-
al, cujos filhos lhes abriam os
s com enthusiasmo os patrioti-
bem de sua prosperidade e do
ia seria ingrata, se unanime e
aos dous intrepidos lutadores que
eio das gloriosas fadigas, para
o, recomeçarem a peleja.
m anniversario da independen-
amente solemnisal-o, a provin-
ouco. Os raios d'essa aurora,
cordações, não poderam derreter
cultar a provincia aos olhos de
mpopular e ousadamente impru-

nte e expontaneo d'este povo,
substituido pela indifferença ou
ais poderoso elemento, a alma,
stins populares, desappareceu.
espirito do povo.
embro, fundada ha dous annos
supremo da nacionalidade brasi-
acção e de abandono. O major

socios de publicar por extenso os nomes d'aquelles que não quizessem pagar as suas mensalidades! Quem não conhecer este Sr. Dr. Ubatuba o que não ha de dizer do povo do Rio-Grande? ha de dizer: que vergonha! Eis ao que nos expõe o genio d'aquelle senhor, genio que já lhe tem causado profundos e eternos desgostos!

A indignação foi geral. Os socios começaram a riscar-se aos centos. O annuncio só appareceu um dia. Como Deos lhe ajudou, ergueu o imprudente vice-presidente uma *gaiola* na praça, e para fazer face ás despezas cobrava 500 rs. de cada mascara que queria estender as pernas sobre esse monumento, ninguem sabe se da independencia ou da insania!

A sociedade formou-se para dar divertimentos *gratis* ao povo, que não podia pagar bailes nem theatros; entretanto a directoria exigio a sua contribuição. Foi uma vergonha, mas que importa? o *enthusiasmo* pela administração suspendeu a sociedade moribunda á borda da sepultura para lhe enviar o ultimo sorriso, o sorriso de quem se esperava encontrar bem cedo com ella na região do *nada*.

Que não tarde essa esperança a ser uma realidade!

No dia 6 á noite houve uma recita particular por curiosos no theatro pequeno.

No dia 7, *Te-Deum* pouco concorrido, parada e espectaculo publico á noite no theatro grande. Depois dos vivas dados pelo presidente e do hymno nacional, diversos moços recitaram poesias, entre elles os dous jornalistas da opposição Candido Gomes, e Dr. Felix da Cunha.

Na noite de 8 ainda houve espectaculo em grande gala, e teve lugar um interessante episodio. Depois de concluido o hymno e quando o panno começava a descer, ouvio-se inesperadamente a voz do Sr. Sebastião Coutinho da Silva, e o mais profundo e religioso silencio reinou no auditorio. O Sr. Coutinho, o talentoso e sympathico ex-primeiro official da secretaria, demittido pelo Sr. Ferraz, por mesquinho espirito de vingança, recitava com voz cheia e pausada uma lindissima poesia, que lhe recommendo. Era um desforço que tomava, tendo o publiço por juiz. Profligando os vicios da actualidade, fazia energicas allusões ao presidente. Por vezes foi interrompido com bravos, e quando acabou, estrondosos applausos partiram da platéa.

O Sr. Ferraz teve o sangue frio de ouvir tudo mordendo os beiços.

Quando o Sr. Coutinho recitava, o Sr. Ferraz inclinou-se para o seu ajudante de ordens e lhe fallou ao ouvi-